

Resenha

A poesia de David contra a ditadura de Golias: direito e literatura em *O dia em que a poesia derrotou um ditador*, de Antonio Skármeta

The poetry of David against Goliath dictatorship: Law and literature in *The day that poetry defeated a dictator* by Antonio Skármeta

SKÁRMETA, A. 2012. *O dia em que a poesia derrotou um ditador*. Rio de Janeiro, Record, 224 p.

Luiz Gonzaga Silva Adolfo¹

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil
Universidade Luterana do Brasil, Brasil
gonzagaadolfo@yahoo.com.br

Rafaela Silva Melo Silva²

Universidade Luterana do Brasil, Brasil
rsraphamel@gmail.com

Na obra de Skármeta denota-se a intimidade do autor com as cicatrizes marcadas na alma do povo chileno pela Era Pinochet. Em forma de romance e poesia, o autor descreve através de seus personagens principais Nico Santos e Adrián Bettini, sob dois prismas diferentes e de modo alternado. No texto, o impacto da violação aos direitos e garantias fundamentais de um povo, as sensações e reações de uma nação sem pedras nem estilingues, diante de um gigante repressor e insaciavelmente cruel.

No capítulo inicial, o protagonista Nico Santos, adolescente, narra as reflexões filosóficas de seu pai e professor, bem como sua relação afetiva com este. Escancara a sua admiração pela figura paterna, embora afirme que não pretende ser professor, “porque é pre-

ciso levantar cedo, fumar cigarros fortes e, além disso, ganhar muito pouco” (p. 10). Conclui nas reflexões entonadas nos diálogos entre pai e filho: “O bem é o bem. A justiça é a justiça, e não pode haver uma justiça à medida do possível” (p. 12).

Na segunda quadra, deparamo-nos com um segundo personagem principal, Adrián Bettini, pai da namorada de Nico Santos, um publicitário desempregado que recebe intimações para comparecer diante do ministro do governo. Ele esteve por duas vezes no cárcere, inclusive tendo sido agredido a ponto de ficar inconsciente. Magdalena Bettini, sua esposa, recomenda aceitar o convite para a visita e o diálogo com o poder; “era melhor enfrentar as coisas do que passar a vida se escondendo” (p. 14).

¹ Doutor em Direito. Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de Santa Cruz do Sul. Av. Independência, 2293, Bloco 53, 96815-900, Bairro Universitário, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. Professor do Curso de Direito da Universidade Luterana do Brasil, Campus Gravataí. Av. Itacolomi, 3600, Bairro São Vicente, 94155-052, Gravataí, RS, Brasil.

² Acadêmica do Curso de Direito da Universidade Luterana do Brasil, Campus Gravataí. Av. Itacolomi, 3600, Bairro São Vicente, 94155-052, Gravataí, RS, Brasil.

No terceiro capítulo o personagem adolescente narra quando seu pai e professor de filosofia é detido pelos oficiais do governo e conduzido por eles diante de todos os demais alunos. Lembra as instruções recebidas do pai sobre como agir caso fosse preso, como as anotações dos codinomes e números telefônicos para os quais deveria pedir socorro. Franqueia seu pânico, pois “[...] aqui todos sabem que um menino de dezesseis anos desapareceu há alguns meses e não voltou até hoje” (p. 16).

No capítulo quatro, há uma cena de encontro com o inimigo, Adrián Bettini e o ministro do Interior, suas discussões acerca de ideologias políticas, democracia, ditadura e afins, bem como a proposta governamental ao publicitário para que aceitasse promover e produzir o plebiscito a favor da permanência de Pinochet no poder. Considerado um dos atores mais cruéis do regime, o ministro Fernández não esconde o simulacro de democracia: “[...] queremos demonstrar ao mundo que Pinochet é um democrata, vamos permitir que a oposição faça propaganda do ‘Não a Pinochet’ um dia na televisão” (p. 20).

Na parte seguinte, o adolescente Nico Santos diligencia buscas em relação ao paradeiro de seu pai. Efetua as ligações telefônicas recomendadas pelo pai e não recebe informações conclusivas. Relata a tentativa de manter a vida em certa normalidade, agora para proteger a si mesmo.

No capítulo seis, o publicitário nega ao ministro produzir a campanha pelo “sim”, seja, a favor de Pinochet, bem como à coação de não vestir a ideologia contrária. Enfatiza de modo claro que está declinando do convite e dos milionários honorários propostos por razões éticas. Ao final do difícil diálogo, recebe a recomendação da autoridade do regime para que ao menos não aceite trabalhar como publicitário da campanha pelo “não”.

No ponto posterior, entre diálogos com a namorada e em monólogo interior, o personagem Nico Santos descreve a repressão dos oficiais na escola e táticas de resgate do seu pai. Ao dizer à namorada que seu pai não gosta dela, ambos refletem de modo bastante livre sobre personalidade, o bem e o mal: “- Ninguém é cem por cento bom nem totalmente mau” (p. 33).

No capítulo oito, é narrado o retorno de Adrián Bettini ao automóvel em que sua esposa o aguarda ansiosamente da audiência que teve com o ministro do Interior. No arranque do veículo, dá-se o diálogo que conduz o personagem à decisão de produzir e trabalhar na campanha contra Pinochet, para o “não” na consulta popular, anos contra minutos, comparação de embate entre gigante e nanico: “- Pinochet bombardeou o país

com publicidade durante quinze anos e só terei quinze minutos de televisão. É como a batalha de David contra Golias” (p. 37).

No ato nove, temos o retorno à aula de Filosofia, com o professor novo que substitui seu pai desaparecido, o constrangimento e seus devaneios filosóficos.

No capítulo dez, Adrián Bettini volta para casa e acontece um encontro inesperado com o ex-senador líder de oposição a Pinochet e a proposta feita por este de que o publicitário abrace a campanha contra o ditador. O diálogo que segue deixa o personagem com sentimentos de receio e medo, tendo em vista estar lutando por um povo acostumado com a repressão e a indecisão. Mesmo diante de todas as possibilidades, o publicitário aceita a proposta.

No décimo primeiro fragmento, o personagem principal se depara com a vida desorganizada, tomado por temores e ansiedade de querer saber o paradeiro de seu querido pai, segue receoso pelo amanhã de cinzas. No mesmo ato é acompanhado pelo substituto professor de filosofia, anda receoso em desempenhar o papel de publicitário contra Pinochet e recebe a notícia de terceiros que não há nenhuma notícia do paradeiro de seu genitor.

No seguinte capítulo o personagem descreve uma nação apática e se encontra na expectativa do referido plebiscito, enquanto a imprensa é controlada e censurada pela ditadura, critica a falta de autonomia sobre suas vidas. Adrián Bettini, ao retornar ao lar, depara-se no diálogo com a filha Patrícia, com o mesmo desânimo das ruas em relação à luta contra a ditadura de Pinochet; ainda assim, em apoio ao sonho do pai, a menina diz: “Não acredito que colocando papezinhos em uma urna possamos derrubar um ditador que tomou o poder disparando balas” (p. 55).

No capítulo treze, é descrito o cotidiano da aula expressiva de filosofia de Nico Santos, que, diante da proposta de escrever sobre *O mito da caverna de Platão*, rabisca uma estrofe da canção de Billy Joel, “*Just The Way You Are*”.

Na sequência, demonstra-se o desânimo da população nas ruas e de Patrícia Bettini dentro de casa. Adrián Bettini fica balançado a desistir, mas começa a engendrar as ideias para inserir 16 partidos políticos favoráveis à campanha negativa ao ditador dentro de um arco-íris no céu cinza do Chile, bem como para tentar provar os aspectos positivos de um “não”.

O capítulo quinze contém a narrativa por Nico Santos dos movimentos, no estúdio da produtora de Adrián Bettini, de pessoas procurando seus desaparecidos, de violentados, famintos, miseráveis, apáticos, a comoção do publicitário com uma história comum.

No capítulo que segue, a arte e o cinema deram lugar à propaganda, caracterizada pela gestação da venda de um produto, seja, a “dignidade” às pessoas com o “não” à Pinochet, sua ditadura e tudo de mórbido e cruel que isso possa trazer. Transparece cristalinamente que “o novo tem de ser a alegria” ou “a promessa de algo diferente” (p. 68).

No capítulo dezessete, Nico Santos descreve um grupo de pessoas de formação secundarista que desestabiliza o governo com desordens e movimentos agressivos à ditadura, a aula de teatro, a peça e a censura dos *milicos*, a resistência juvenil inconformada e clandestina com folhetos comprometedores. Refere certa mania de dizer algumas frases na língua inglesa e as leituras de obras de Shakespeare.

No décimo oitavo capítulo temos a visita inesperada de uma figura pitoresca chamada Raul Alarcón, poeta e compositor, à casa de Adrián Bettini, para lhe indicar como trilha sonora da campanha uma valsa. Toda a letra, acompanhada da música de “Danúbio Azul”, de Strauss, gira em torno da palavra “não”.

No capítulo dezenove, Nico Santos conta a chegada de um novo colega chileno à aula de educação física e o cotidiano dos estudantes chilenos.

No vigésimo capítulo a filha de Bettini o apoia no sentido exclusivo de incentivar positivamente o Chile a votar contra: “Você tem que levar as pessoas a sentirem que é maravilhoso dizer não. Maravilhoso dizer não!” (p. 85).

Na parte seguinte, ocorre a visita inesperada a uma adolescente e Nico Santos fala em cumplicidade com ela, que lhe desabafa desejar largar os estudos para trabalhar como cozinheira, seja, de trocar o uniforme da escola pelo uniforme de trabalho, diante o fato, Nico Santos acaba por nutrir por ela certa atração, embora com repulsa intelectual.

No capítulo vinte e dois, descreve-se a gestação da valsa, parida a partir de um sonho do regente de uma orquestra e coral cujo repertório que é Strauss preferido pelo poeta. Por meio desta valsa o personagem desperta para a produção da bandeira da campanha com o arco-íris, ideia emanada de muito uísque ao piano. Esta figura é bastante expressiva pois mesmo formada por muitas cores, é una, e ainda “é uma coisa bela que surge depois de uma tempestade” (p. 96).

No capítulo vinte e três, temos a história de outro docente. Paredes é descrito como uma pessoa solidária, que se sacrifica pelos próximos; em meio ao caos, o pobre que se doa ao miserável.

No vigésimo quarto episódio, veem-se a movimentação e a comoção dos figurantes colaboradores

chilenos na campanha televisiva do “não” a Pinochet com entusiasmo e o alegre despertar. E uma frase que pode ser relacionada aos encontros e desencontros entre direito e literatura, objeto desta publicação: “Onde está a realidade, Nico? Em Shakespeare ou nesses loucos lá do ser” (p. 104).

No capítulo vinte e cinco, apresentam-se um show clandestino de uma bandinha de rock cujas letras seriam censuradas pela ditadura, a repressão de “porcos”. E, como se isso ainda não bastasse, a notícia repentina do rapto do professor solidário. De qualquer sorte, o narrador e personagem principal é tomado de certo pessimismo, pois “parece que as canções estão mais vivas que as pessoas” (p. 105). Ao final desta divisão ocorre o rapto do professor Paredes por agentes do regime de exceção.

No capítulo vinte seis, descrevem-se os bastidores dos preparativos para a primeira e solene apresentação televisiva da campanha do “não”, com o embaixador da Argentina em grande expectativa.

No seguimento, temos a apresentação da peça de teatro na escola e uma declamação de desabafo por parte de Nico Santos em relação ao “preso desaparecido” e professor solidário, como motivo de antecipação do espetáculo, suor frio diante do olhar fixo de certo tenente do regime presente no espaço.

No capítulo vinte e oito, narra-se a incompreensão insensível do espectador desprovido de arte e espírito alegre, que se viu decepcionado com a valsa, com a cor, quando tudo era tão cinza, quando tudo era velório, por dentro de sua reflexão e desalento, não tinha o que fazer a tempo.

No capítulo vinte e nove, às vésperas do plebiscito, vemos a fuga quase que diária do publicitário para manter secreta a sua obra, na aula de desenho de Nico Santos, o arco-íris.

No encadeamento, diante das críticas procurou consolo no álcool, cheio de compaixão por si mesmo, neste ato aparece Adrián Bettini desanimado, crente do fracasso de sua obra, na perda de um sonho, de asas, de vida. Um David diante do Golias, um poeta diante de uma nação desanimada e de uma ditadura esmagadora. Repentinamente bate seu veículo no carro de oficiais do sistema, e é detido de uma fita na qual foi gravada a campanha televisiva que gravou contra Pinochet.

No capítulo trinta e um, deparamo-nos com uma reunião particular com o tenente da escola e o reitor, Nico Santos receia ser detido no trajeto até o corpo do professor solidário Paredes degolado encharcado no próprio sangue, de modo que se rende à dor e ao desespero.

No capítulo trinta e dois, em meio a receios, de sofrer torturas, ou morte, a fita da campanha é descoberta pelos oficiais e subestimada por eles, a pedrinha de David é ridicularizada e considerada sem efeitos diante do Golias Pinochet. Pareceu aos deflagradores uma campanha muito inofensiva de modo que, Adrián Bettini foi liberado como se fosse pego por uma infração de trânsito e em poder da fita “- Deixo-o ir! Com esses versinhos não convencerá ninguém” (p. 141).

No trigésimo terceiro capítulo, houve o enterro do personagem Professor Paredes que atuou com solidariedade, como remanescente raio de luz sobre as trevas egoísticas da ditadura, combatente adorado por seus alunos. Nico Santos, na fantasia em relação ao pai que está desaparecido, mantém a esperança do retorno. Todavia, deixou a ansiedade e discursou aos demais presentes no funeral, palavras em inglês em homenagem ao professor de idioma, estas dignas de censura, com coragem temerária diante de oficiais do governo, e diante uma bandeira branca com arco-íris diante de várias outras vermelhas, revelou em seu íntimo: “A única coisa que tenho é a ausência de meu pai. Não é a única. Tenho também esperança” (p. 145).

No capítulo trinta e quatro, temos a expectativa das propagandas televisivas em reunião familiar e a sensação de ter feito o factível. Adrián Bettini encontra-se reflexivo e apreensivo a instantes de lançar sua pedrinha, um vídeo de 15 minutos dizendo “não” à ditadura com valsa e cor. Será que atingirá a testa do gigante?

No capítulo trinta e cinco, o personagem Adrian está à espreita da exibição da obra parida depois de meses de trabalho. Como criador envergonhado e apreensivo com o resultado futuro, foge às ruas e isolando-se dos familiares em reflexões e remorsos depara-se com todo Santiago do Chile como plateia de seu espetáculo não de muito crédito. Este momento do personagem é ínfimo, pois quando a propaganda for lançada esta será sua pedrinha poética contra o gigantesco conformismo apático chileno. O medo o leva à beira do desespero quando, ao fim da exibição, crente do contrário, o publicitário é surpreendido por um casal dançando ao ritmo de valsa, festejando a vitória contra Pinochet; aproxima-se e constata não se tratar de uma miragem. Alívio.

Na continuação, Nico Santos sai ao encontro da amiga de sua namorada, aquela que deixou a escola pelo trabalho, e no trajeto descreve um povo de espírito diferentemente alegre e esperançoso, tranquilo, vestido de cor e sorrisos, os efeitos da pedrinha de David atingindo a cabeça do gigante. No encontro com a amiga, ocorre o começo de um resgate do paradeiro do seu pai.

No capítulo trinta e sete, temos o diálogo por telefone de Bettini e do poeta pitoresco responsável pela valsa, agradecimentos, medo da retaliação, necessidade de fuga, carros pretos suspeitos à espreita; será necessário exílio político? Ligação para a embaixada italiana.

Vem o plebiscito, e diante dos resultados de pesquisas satisfatórios quanto ao convencimento dos indecisos, a população chilena sensível à compreensão da valsa, das cores e da necessidade de resgatar a dignidade, além de seus prisioneiros amados. O “não” de David venceu o gigante Golias, o arco-íris as cinzas, a valsa os sons dos canhões, e o Chile despertou depois de 15 anos em 15 minutos.

No capítulo trinta e nove, o agora ex-ministro do Interior Fernández e Adrián Bettini encontram-se e discutem, Fernandez um militante fanático da era Pinochet com dor de cotovelos pela perda do plebiscito e Adrián um revolucionário publicitário convencido da sua vitória.

Prosseguindo, ao retornar da rua e abrir a porta de casa, Nico depara-se com sua namorada e a amiga dela; por detrás surge a figura de seu pai. No abraço, a constatação das cicatrizes de uma guerra travada contra a ditadura. Juntos recomeçam uma nova vida com um novo Chile. O pai de Nico tenta despi-lo de certa inocência: “- Não vivemos no mundo das ideias platônicas. Na realidade, o Bem e o Mal se misturam” (p. 189).

Nas três partes consecutivas da obra, mesmo sem a permissão de se amar, o casal adolescente Nico Santos e sua namorada Patricia Bettini fazem amor pela primeira vez, à transição de menina em mulher, como a do Chile, de povo governado para governante. O autor compara neste ato o rompimento do hímen da adolescente com o rompimento de algemas e grades nos calabouços do Chile, ainda a liberdade de Patricia Bettini, com a liberdade do Chile. Redenção e metamorfoses por todos os lados da história.

No último capítulo, a obra encerra com a rotina de Nico Santos saindo de casa com o pai, a formatura fruto de sobrevivência da transição do país de povo reprimido a livre. O publicitário Adrián Bettini é reconhecido pelo *Le Monde*, e no reencontro com o Ministro do Interior representante de Golias, mui relutante com a perda de seu fascínio por Pinochet, em contrapartida ao entusiasmo do vencedor David; que mesmo diante das lembranças dos mártires da ditadura celebra à vida e à liberdade do Chile. Chega a conclusão que há mais dúvidas que certezas e que “democracia dói”.

Para a formação do arco-íris, raios de luz passam pelas gotas de água suspensas na atmosfera e as gotas claras e transparentes como cristal refratam a luz, libe-

rando o espectro de cores nelas contido e exibindo-as num arco que cruza o céu nublado.

Do mesmo modo, na obra literária do autor, depois do dilúvio destruidor que foram os anos da repressão de Pinochet, os personagens de Skármeta, como raios de luz, passaram pelas lágrimas chilenas, e como cristais refrataram a luz da esperança, emanando o espectro das cores da liberdade e redenção o arco-

-íris da verdadeira democracia sob os céus outrora nublados do Chile.

O Chile descobriu a força que possuía independentemente de seu tamanho ou armaduras, através do plebiscito proposto por Pinochet, disse “não”; caíram as correntes, e assim raiou uma nova aurora de esperanças.

Releva assinalar que a obra literária aqui indicada une de forma magnífica literatura e direito. Vale leitura!